

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO

Antes de apresentar formalmente um novo texto da Coleção Pedagógica, refuto o sentido de várias expressões que, na maioria das vezes, refletem uma postura discriminatória em relação ao portador de limitações. Para negar todos os tipos de discriminações, nomeio, por exemplo: o deficiente; o incapacitado; ou o seu contrário que diz: todos são iguais em todos os aspectos.

Apresento mais um texto da Coleção Pedagógica, conclamando a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para assumir a importância do significado da diferença entre deficiência e limitação.

Convido toda a comunidade acadêmica para realçar a obrigatória heterogeneidade que garante uma particular unidade ao corpo discente desta Universidade. Refiro-me, especialmente, aos alunos, e/ou candidatos, portadores de limitações – físicas, mentais, visuais, auditivas, múltiplas. E, admitindo a existência de alunos com limitações, reconheço, também, a oferta de tratamento específico sem, no entanto, desprezar as condições regulares de ensino e de aprendizagem de cada um, inclusive daqueles considerados sem limitações.

A postura baseada na distinção entre deficiência e limitação contribui para diminuir as dificuldades e as barreiras suportadas pelas pessoas portadores de limitações e, principalmente, para fortalecer o processo de mudança de atitude em relação a milhões de brasileiros classificados como deficientes.

A respeito dos chamados incapazes ou deficientes, dados do Censo/2000 mostram que, aproximadamente, 24,5 milhões de pessoas (14,5% da população brasileira) apresentam algum tipo de incapacidade ou deficiência. A situação quanto ao total dos casos declarados corresponde aos seguintes percentuais: 8,3% com deficiência mental; 4,1% com deficiência física; 22,9% com deficiência motora; 48,1% com deficiência visual; e 16,7% com

deficiência auditiva. O Censo/2000 ampliou o conceito de deficiente baseando-se na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), divulgada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2001.

Segundo depoimentos de empregadores de pessoas com alguma “deficiência”, esses trabalhadores rendem tanto quanto os outros. Nesse contexto do IBGE, da CIF e da OMS, lamento o uso corrente do conceito de deficiente e/ou incapaz e o desconhecimento da diferença entre deficiência e limitação.

A UFRN, ao considerar a normalidade das diferenças humanas e optar pela educação inclusiva, alia-se a uma consciência universal ligada ao direito à cidadania, à justiça social e à democracia.

Este texto registra o princípio básico da Educação Inclusiva na UFRN, afirma a intenção de adaptar as especificidades dos vários campos do saber às características impostas pelas diferenças dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais e apresenta a reflexão de vários professores sobre a importância de uma mudança de atitude em relação à questão do atendimento acadêmico.

A introdução do texto faz um resumo sobre a inclusão educacional e as ações oportunizadas pela UFRN, principalmente, aos alunos com limitações quanto à locomoção e aos portadores de limitações visuais.

A primeira parte compõe-se de reflexões sobre educação especial rumo à inclusão; defende que o sujeito com limitações possui infinitas possibilidades de ocupar um lugar definido na cultura; ressalta a importância da formação do professor de educação inclusiva no próprio processo regular de ensino; e, através de exemplos práticos, ratifica que o professor que lida com alunos com limitações não precisa, necessariamente, ser um especialista na área.

Na segunda parte, cada uma das reflexões dirige-se especificamente para os portadores de limitações visuais, notadamente

os cegos, a saber: destaca que a privação da visão sensível não deve ser confundida com a privação do saber; propõe uma mudança de atitude no trato com as pessoas portadoras de limitações visuais, fazendo a distinção entre deficiência e limitação e relembrando que é desigual considerar todos como iguais; nomeia a incapacidade da convivência com as diferenças, concluindo que é a diferença que faz sentido; e afirma que mais gratificante do que ultrapassar as barreiras é o prazer de superar todas as diversidades.

Estas reflexões, portanto, devem ser um estímulo para o desenvolvimento da Educação Inclusiva em todos os níveis de ensino na UFRN.

Natal, março de 2003.

Ótom Anselmo de Oliveira